

LITURGIA TRADICIONAL NUM MUNDO DE SENSIBILIDADE PÓS-COLONIAL

A TRADITIONAL LITURGY IN A WORLD OF POST-COLONIAL SENSIBILITY

Rev. Christian Hoffmann¹

Resumo: O tópico de pesquisa do presente artigo é a liturgia tradicional num mundo de sensibilidade pós-colonial. Sabe-se que, no culto cristão, o show é de Deus, e o ser humano responde. Ali se une o céu com a terra, pois está baseado na Palavra de Deus, e se celebram os sacramentos do batismo e da santa ceia. Também é nele que muitas pessoas conhecem o amor de Deus em Jesus Cristo. A liturgia tradicional de um culto luterano é uma rica herança que não pode ser desperdiçada. Baseada em cânticos bíblicos ou tradicionais da igreja, carrega consigo uma história de mais de 1.400 anos. É muito importante para criar identidade no seio da igreja, especialmente para aqueles que se transferem de congregações ou até mesmo de países. No entanto, a liturgia tradicional perde sua eficácia quando se transforma em mera repetição de fórmulas ou cânticos, mesmo que esteja totalmente baseada na Bíblia. É como rezar em latim ou escutar o evangelho em grego. Culto é fundamentalmente comunicação de Deus com as pessoas, e ela só é eficaz quando o receptor realmente recebe a mensagem. Como pastores e também equipes litúrgicas, estamos desafiados a conhecer melhor a liturgia tradicional e investir mais tempo na preparação do culto, usando o conhecimento bíblico, a criatividade e os

¹ Pastor em Montevidéu, Uruguai. Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, São Leopoldo (1988). Bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais, UNISINOS, São Leopoldo (1991).

dons musicais para provocar o efeito surpresa e a curiosidade, aspectos fundamentais no processo ensino-aprendizagem. É importante também seguir a prática do reformador Martinho Lutero. Não geramos novas liturgias porque estamos na era do descartável e da novidade, mas com cuidado pastoral e atenção litúrgica, retrabalhamos a rica herança que recebemos com novas práticas.

Palavras-chave: Herança. Comunicação. Criatividade. Identidade. Fidelidade.

Abstract: The research topic of the present article is the traditional liturgy in a world of postcolonial sensibilities. It is known that in a Christian church service, it is God who proposes and the human being who answers. There, heaven and earth are united, as it is based on the Word of God and the sacraments of Baptism and Holy Communion are celebrated. It is also where many people come to know the love of God in Jesus Christ. The traditional liturgy of a Lutheran church service is a rich heritage that cannot be missed. Based on biblical or traditional church chants, it carries a history of more than 1,400 years. It is very important to create identity within the church, especially for those who transfer from congregations or even countries. However, traditional liturgy loses its effectiveness when it becomes mere repetition of formulas or chants, even if it is fully based on the Bible. It's like praying in Latin or listening to the gospel in Greek. The Christian church service is fundamentally God's way of communication with people, and it is only effective when the receiver gets the message. As pastors and liturgical teams, we are challenged to know the traditional liturgy better and invest more time in the preparation of the service, using biblical knowledge, creativity, and musical gifts to provoke the effect of surprise and curiosity, fundamental aspects in the teaching-learning process. It is also important to follow the practice of the Reformer Martin Luther. We do not generate new liturgies because we are in the era of the disposable and novelty, but with pastoral care and liturgical attention we rework the rich heritage that we have received with new practices.

Keywords: Heritage. Communication. Creativity. Identity. Loyalty.

INTRODUÇÃO

A pandemia gerada pela Covid-19 trouxe muito mais que mudanças, seja na vida pessoal, seja na vida da igreja. Uma delas foi o cancelamento do Simpósio de Missão sobre o culto e liturgia, promovido pelo Seminário Concórdia de São Leopoldo, RS, para o qual tinha sido convidado com o título-desafio: *A liturgia tradicional num mundo de sensibilidade pós-colonial*. Por mais que os trabalhos possam ser preparados para uma futura publicação, não tem a mesma motivação que um encontro presencial. O mais importante também se perde: a oportunidade de escutar os participantes e intercambiar ideias. Tentaremos, pelo menos, compartilhar algumas preocupações e pesquisas sobre a temática indicada, sem a intenção de concluir o assunto ou dar receitas prontas sobre a liturgia tradicional e sua aplicação no mundo de hoje. A quantidade de leituras e materiais muito ricos que foram sendo incluídos na preparação deste texto me deixaram perdido e confuso na construção de um material acadêmico como a revista exige. Assim que, por escassez de tempo, optei por desafiar o leitor a percorrer um caminho similar, lendo novamente os materiais sugeridos e chegando às suas próprias conclusões.

Começemos pelo final do título sugerido. Pós-colonial é um conceito muito amplo. Na verdade, todos estamos em contexto de pós-colonialismo se pensamos que se trata de um conjunto de teorias que tratam com o legado da colonização espanhola e portuguesa desde o século 16 até o século 19, ou com a colonização britânica e francesa durante o século 19.² Também se pode analisar os efeitos da prática religiosa imposta pelos países colonizadores sobre os países colonizados e seus habitantes. Colônia também significa o conjunto de pessoas que se estabelecem em um novo território, onde vão explorar e dominar. Desde o Alasca até o Ushuaia, na Argentina, e considerando os possíveis leitores desta publicação, todos somos produtos da colonização, imigrantes ou descendentes de imigrantes que vivemos de maneira mais ou menos sensível à saudade da nossa terra ou aos cultos celebrados na nossa infância. Se pensamos em sensibilidade, temos que ter coração e cabeça abertos para incluir aqueles tantos que nunca participaram de um culto luterano, vivendo em contextos tão diferentes e longínquos da fé cristã.

2 Disponível em: <<https://es.wikipedia.org/wiki/Poscolonialismo>>, acesso em 19 abr. 2022.

Gostaria de compartilhar a minha experiência pessoal. Viver em dois países é um privilégio, e nos faz pensar diferente: um é o Brasil onde nasci e vivi até os 32 anos, e o outro é o Uruguai, onde estou outros 24 anos. Ambos os países foram colonizados por europeus, que influenciaram também a liturgia do culto cristão. Sou luterano de berço, como tantos que nos leem, filho de pastor, que experimentei a liturgia tradicional desde o batismo. Parece que o ofertório, na sua melodia tradicional, está no sangue. Por outro lado, mudar-me de país também produziu a sensibilidade de olhar para o lado e reconhecer o culto predominante da Igreja Católica Apostólica Romana, aprofundar o conhecimento da liturgia tradicional especialmente pela forma como nos chegou e preparar seu uso para contextos tradicionais e outros, onde participam do culto desde crianças até idosos com diferentes níveis de compreensão. Também precisam ser levados em conta os aspectos missionários, considerando os terrenos laicos ou não religiosos, os tradicionalmente católicos e, atualmente, os de predominância evangélico-pentecostais, pois o culto em nosso meio também é uma forte estratégia evangelística, em que convidar para vir à igreja é a forma mais comum de testemunho entre os luteranos.

A definição de liturgia tradicional também é importante, pois do que tenho memória, várias mudanças de hinário e outras formas litúrgicas foram adotadas na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e também nas igrejas de fala espanhola, principalmente nos últimos anos, quando os hinários foram substituídos por folhas impressas ou pelo projetor de slides para os cultos. Atualmente vivemos na América Latina o lançamento de um novo hinário, com muitas formas litúrgicas preparadas especialmente para as igrejas luteranas *hermanas* em projeto de expansão.

Dependendo da formação teológica de cada um (seminários mais ou menos conservadores) ou das preferências por liturgias diferentes no correr do seu ministério, o conceito de liturgia tradicional na Igreja Luterana também precisa ser definido por aqueles que mais conhecem o assunto, já que desconhecemos a ordem litúrgica completa dos cultos da igreja primitiva. Existem posturas muito divergentes em cada igreja, e unanimidade é praticamente impossível. O desafio segue ao pensar em igrejas luteranas nos mais diferentes confins da terra. O antigo hino 137, do *Hinário Luterano* de 1956, nos lembra deste desafio:

1. Desde um ao outro polo,
Da China ao Panamá,
E do africano solo
Ao alto Canadá,
Por mui longínquas terras
Nós vamos sem pavor,
Por vales e por serras,
Pregando o Salvador.

2. De Deus as maravilhas
Que vemos ao passar
Por terras e por ilhas
E pelo argênteo mar,
São tantas, são imensas;
Mas, cegos, os pagãos
Professam falsas crenças,
Adoram deuses vãos.

3. E nós que conhecemos
Brilhante luz da fé,
Nas trevas deixaremos
Aquele que não crê?
Sem mais demora vamos
Falar-lhe do perdão
Que por Jesus gozamos:
A eterna salvação.³

Pensar no título e escrever sobre “A liturgia tradicional num mundo de sensibilidade pós-colonial”, levando em conta a diversidade cultural produzida nos distintos territórios geográficos, mas também a riqueza litúrgica do que recebemos por herança e celebramos em nossos cultos, implicou para mim um grande desafio, em que, sem dúvida, ficarão temas pendentes em pesquisar, livros para ler e pessoas que conhecem mais para entrevistar.

3 Disponível em: <www.archive.org/stream/hinarioevangelic00unse.txt>, acesso em 20 abr.2022.

O CULTO: SHOW DE DEUS – RESPOSTA DOS HOMENS

Na introdução à edição original de *O culto cristão*, de R. Allan Zimmer, George W. Schroeder e Herman J. Zemke, publicado pela Editora Concórdia, em 1988, está escrito:

A igreja luterana tem orgulho de sua herança litúrgica. Sua liturgia é uma forma de comunicação espiritual entre Deus e a pessoa que adora. Deus se manifesta através de sua palavra e sacramentos. O povo que o adora se achega e ele por meio de orações, louvor e hinos. A liturgia luterana é digna e reverente, coerente e objetiva (ZIMMER, 1988, p.8).

Este talvez seja o ponto central da minha abordagem sobre o tema sugerido: herança e comunicação. Como analisar a liturgia tradicional em contextos diferentes, onde o culto na Igreja Luterana é o ponto de encontro da comunidade de irmãos, assim como a principal linha de alimentação teológica, neste equilíbrio de ser fiel à herança recebida e ao mesmo tempo que não seja um ritual mecânico e automatizado, com o risco de desconhecer a profundidade litúrgica e falhar na comunicação com Deus e com as pessoas.

Em Isaías 29, Deus se queixa sobre a adoração feita pela metade com hipocrisia. O povo estava oferecendo a Deus orações monótonas, louvor falso, palavras vazias e rituais feitos por homens sem sequer pensar no seu significado. O coração de Deus não se comove com a adoração baseada na tradição, mas sim pela paixão e o compromisso. A Bíblia diz: “Visto que este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos ensinados por homens” (WARREN, 2002, p.58).

No culto, o show é de Deus. Ele constituiu o povo de Israel e, posteriormente, a igreja cristã para servir como seu instrumento na divulgação e celebração do seu amor. Essa aliança funcionava e deve continuar sendo como um casamento, uma aliança onde prometem e vivem a fidelidade um para com o outro. Deus sempre foi fiel, mas Israel e mesmo a igreja cristã falharam muitas vezes (KARNOPP, 2012, p.11). O culto é de Deus,

baseado totalmente na sua Palavra, mas também o culto é para ele. Nele se apresenta o conteúdo sacrificial e sacramental, visivelmente perceptível na postura que o pastor adota entre o altar e os fiéis presentes. A tendência atual é que o culto possa ser agradável, prazenteiro, cheio de novidades e surpresas. Os dons artísticos que adornam a celebração, antes eram realizados no mezanino ou coro da igreja, ao fundo do público. Hoje, muitas igrejas substituem o santuário e o altar por grandes palcos, iluminados com enormes projeções, efeitos luminosos e grupos com instrumentos musicais e encantadoras vozes atrás dos microfones, muitas vezes compartilhados por televisão ou canais de YouTube. É esse o caminho que devemos tomar pressionados pelas correntes evangélicas ou carismáticas?

Não podemos negar que Deus age e trabalha com o Espírito Santo desde simples capelinhas até grandes catedrais, com ou sem apresentações afinadas e espetaculares. Onde está sua Palavra, está a semente do Reino. No entanto, o contraste é grande quando observamos nosso culto tradicional. Quando as igrejas se esvaziam, quando as pessoas na pós-pandemia têm dificuldades em voltar ao culto presencial depois de tanta virtualidade e redes sociais, o questionamento do uso da liturgia tradicional é muito pertinente. Se alguém está na igreja participando do culto, dificilmente sairá da mesma quando não entende algo ou não simpatiza com alguma tradição litúrgica. No entanto, na virtualidade e diante de um celular, tela de um computador ou televisão, mudar de canal ou deixar de assistir para buscar outra “programação” é uma grande tentação.

Entendo por liturgia tradicional aqueles elementos que foram historicamente defendidos para a ordem do culto cristão pela sua base bíblica e seu uso na igreja antiga, mesmo sem muitas provas ou indícios palpáveis. É necessário seguir pesquisando. Precisamos estar agradecidos a Deus pela herança recebida, pelos professores do Seminário que ensinaram e treinaram os pastores no uso adequado da liturgia, tanto no conteúdo como nas “rubricas” que o professor Arnaldo Schmidt comenta de maneira muito apropriada no Suplemento Teológico da Revista *Vox Concordiana* (1985).

Conhecer a base bíblica e histórica de cada componente litúrgico enriquece nossa adoração a Deus. Só estimamos a herança de bens familiares quando conhecemos sua história e seu valor. Assim é na liturgia. E isso não deveria ser exclusividade do pastor, mas elemento importante a

ser compartilhado como comentários em doses homeopáticas nos cultos. O uso mecânico e simples da liturgia tradicional nos cultos pode transformar-se em obstáculo na comunicação da Palavra de Deus. Como todos os seres humanos, nossa capacidade de concentração e entendimento é instável, e muitas coisas entram em jogo na hora do culto. Uma simples repetição de um ritual pode afastar a mente do coração, a compreensão da adoração.

É importante caracterizar que uma coisa é o texto de cada elemento litúrgico, recebido como herança, definido e atualizado pelas comissões de culto e traduzido adequadamente ao contexto. Por exemplo: Dizer “E com o teu espírito” pode ser entendido diferentemente do que “E contigo também”. Por mais que seja uma liturgia tradicional, sua revisão constante é necessária.

Nenhuma linguagem é eterna. Com o passar do tempo a linguagem sofre mudanças. Mudam-se regras ortográficas, como também palavras mudam de sentido. Assim, a Igreja tem necessidade de revisar e adequar sua linguagem de culto e seus rituais. Indo ao encontro desta necessidade, a Igreja também evita a proliferação de formas de culto e ritos que não condizem com a sua confissão, ou que não enfatizam a centralidade do Evangelho (Comissão de Cultos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, 2010).

Da mesma maneira, é importante o tema da musicalidade dada a cada parte litúrgica, resgatando melodias tradicionais ou adaptando a estilos musicais mais recentes ou fáceis de cantar. Exemplo: *Gloria in Excelsis* com melodia mais gregoriana ou ao estilo de ritmos latino-americanos. As duas versões estão corretas. Melodia mais antiga favorece a identidade litúrgica. Adaptar a uma música mais contextualizada ao local pode facilitar a evangelização e o aprendizado da melodia. Como reflexão: quanto tempo é necessário para que determinado ritmo e melodia passem a ser tradicionais em uma congregação, quando vivemos hoje uma abundância de estilos e volatilidade de versões? Que passe uma geração ou antes?

Os antropólogos têm observado que a adoração é um impulso universal, incorporado por Deus em cada fibra do nosso ser – temos uma necessidade inata de conectarmos com Deus. A adoração

é tão natural como comer ou respirar. Se falhamos em adorar a Deus, sempre encontraremos um substituto, mesmo que este acabe sendo nós mesmos. A razão por que Deus nos fez com este desejo é porque Ele deseja adoradores! Jesus disse: “Porque são esses que o Pai procura para seus adoradores” (João 4.23) (WARREN, 2002, p.56).

O culto é uma recapitulação da história da salvação, uma epifania da igreja e testemunho, ao mesmo tempo, do fim e futuro do mundo. Em Jesus Cristo, se junta para sempre o ontem e o hoje, e o céu e a terra se juntam num só lugar. Ele é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Ele é a história (JUST, 2016, Kindle).

A história da igreja dá testemunho de que, por séculos, nossos irmãos e irmãs em Cristo convidavam os que não compartilhavam nossa fé a participar no Serviço Divino, onde eles, através do ritmo da liturgia, podiam escutar na sua totalidade a história da salvação. No nosso culto, Cristo, o autor da vida, está presente e conta essa história através das palavras dos profetas e dos apóstolos e serve como anfitrião da festa celestial onde se oferece à história do mundo sua realidade celestial. Para poder contar ao mundo sua história, devemos entrar nos mistérios da presença real de Jesus e dar-nos conta de que Jesus, Deus e homem, segue estando presente entre nós na carne, contando-nos a história de um mundo que foi feito novo através dele. Para os cristãos, a vida é uma peregrinação que vai desde o batismo até a morte, que é a entrada para a eternidade. Quando os cristãos se revestem de Cristo no batismo, começam sua viagem a um destino de plena comunhão com Cristo no céu. Na pia do batismo, a história de Cristo se converte em nossa história (JUST, 2016, Kindle).

A forma litúrgica é necessária por ser um reflexo da encarnação. O culto precisa de formas porque reúne seres humanos numa assembleia específica, e não existe vida comunitária sem alguma espécie de forma (ALLMEN, 1968, p.95). “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (1Co 14.40 – NAA).

A configuração litúrgica existe para expressar e proteger aquele que, ao mesmo tempo, sustenta e envolve. A própria estrutura da igreja, nas suas diferentes percepções, passa pela expressão e defesa da sua natureza (ALLMEN, 1968, p.100). Por isso é fundamental a fidelidade à Escritura.

Conhecer e compartilhar no culto os textos bíblicos de onde saem os hinos ajuda a mostrar que o culto é show de Deus, que está baseado em sua Palavra, comunicando amor e misericórdia.

Quando se fala em liturgia tradicional, a primeira coisa que pode vir à mente é mudança. No entanto, respeitar a tradição litúrgica e conhecê-la é a forma mais adequada e segura de levar adiante qualquer processo, seja de melhorar a comunicação ou mesmo adaptar seu estilo musical dependendo do contexto em que se vive.

Também é importante pensar no sentimento de gratidão ao ter em nossas mãos uma liturgia tradicional. Irmãos na fé que vêm ao culto luterano desde outras correntes evangélicas, valorizam muito a utilização dos temas do ano eclesiástico, o uso de cânticos bíblicos, os três credos ou símbolos ecumênicos e inclusive hinos clássicos com grande conteúdo teológico. O abandono simples e direto de formas clássicas da liturgia pode ser mais uma perda do que uma libertação. Entendo que respeitar a tradição litúrgica signifique ser livre em relação a ela. Formas litúrgicas não podem transformar-se em objetos de adorno.

Sobre o culto divino nunca se sabe demais e raramente se reflete o suficiente. Por isso, nada melhor do que retomar a reflexão sobre o culto de tempos em tempos, ou, a rigor, fazer isso de forma contínua. Do contrário, corre-se o risco de ver o culto como um ritual que é realizado de forma mais ou menos mecânica, ou como uma sequência de atos e gestos que não tem maior significado. Refletir sobre o culto é, acima de tudo, aprender que nele Deus nos serve; refletir sobre o culto é saber como Deus nos serve nesse encontro trazendo-nos perdão, vida e salvação em sua Palavra, no Batismo, e na Santa Ceia (KARNOPP, 2012, p.6).

A liturgia tradicional é desafiada ou negada frequentemente em um mundo relativista, de muitas vozes, liberdade e desprezo pela tradição. Estamos na era do descartável. Vivemos a tendência de enfatizar o lado humano do culto e esquecer que ele é essencialmente divino (KARNOPP, 2012, p.8).

Com a mesma facilidade com que muitos trocam de carro, de móveis, trocam também de cônjuge, de estilos de vida, de igreja. Conceitos bíblicos aprendidos na infância e cristalizados com o passar dos anos facilmente

podem ser mudados. A justificativa é a de que o mundo mudou, e essa é a tendência que todos devem seguir (KARNOPP, 2012, p.37).

Na ânsia de atrair e entreter as pessoas, muitas igrejas ou líderes oferecem o que elas querem, mesmo que para isso tenham de usar estratégias que comprometam sua própria essência. Pregam aquilo que o povo quer ouvir, e não o que o povo precisa escutar. “Assim diz o Senhor” é a referência que precisamos ter quando olhamos de maneira crítica a liturgia tradicional.

A frase muitas vezes utilizada que “na verdade, a liturgia e os hinos, sendo palavra de Deus, transcendem culturas e épocas” (KARNOPP, 2012, p.62), pode ser um slogan complicado. A reação pode ser: sim e não ao mesmo tempo. A Palavra de Deus segue sempre a mesma, no entanto, para uma melhor compreensão do seu povo, são necessárias traduções a cada tanto. Traduções diferentes, por mais que tenham reações negativas no começo, porque os versículos memorizados agora possuem palavras ou estruturas diferentes do que tínhamos aprendido, na verdade auxiliam na correta interpretação da Bíblia. Assim também se pode dizer que palavras ou estruturas que hoje não comunicam a mesma coisa ou ritmos que dificultam a aceitação podem prejudicar a comunicação. Também se diz que “o problema então não está na repetição de partes do culto; está em compreender a importância daquilo que se repete” (KARNOPP, 2012, p.63). A repetição é uma ferramenta muito eficaz, especialmente em contextos em que faltam recursos didáticos ou o analfabetismo é grande. A repetição também traz segurança, pois se sabe como termina a história. Assim é como as crianças podem olhar uma e outra vez o mesmo desenho animado sem cansar. Ficam tranquilas, pois sabem o que vem depois. No entanto, o risco é grande.

Lembro das minhas primeiras traduções nas aulas de grego do Seminário, quando tive a oportunidade de verificar o texto de Mateus 6.7. Ao observar que muitas traduções utilizam “muitas palavras ou orações compridas”, a palavra utilizada é βαπτολογησητε – “repetir palavras sem sentido”. “E, orando, não usem vãs repetições, como os gentios; porque eles pensam que por muito falar serão ouvidos”. O mesmo pode acontecer com a liturgia tradicional quando utilizada de forma mecânica sem nenhum comentário que chame a atenção.

Todo formato de culto, seja ele breve ou extenso, tradicional ou num estilo mais espontâneo, simples ou complexo, precisa estar firmado na

Palavra de Deus, ter algum tipo de ordem, bem como deve visar à glória do Senhor e à edificação do seu povo. A liturgia não é produto de uma época, nem de um lugar, tampouco não é o trabalho de uma pessoa ou entidade. Ela se formou em torno da leitura das Escrituras e da obediência ao Senhor Jesus quanto ao batismo e à santa ceia. Logo também se acercou de credos, de orações e hinos. Ela vem se mantendo por séculos, apesar das grandes mudanças em diversas culturas. Abandoná-la seria como cortar parte de nossas raízes cristãs. Mas poder explicá-la no culto ou traduzi-la para mais perto do vocabulário do dia a dia passa a ser um desafio prioritário.

Um culto pode ter orações vibrantes, pode ter uma comunhão bonita de irmãos, pode ser um culto alegre e dinâmico e ter pregações contundentes. Porém, nada disso terá valor se não estiver fundamentado em Cristo e em sua obra. O “assim diz o Senhor” precisa ser uma e outra vez repetido e valorizado.

Liturgia tradicional é mais que uma sequência de cânticos ou leituras. O simbolismo em cada detalhe da igreja precisa ser valorizado e explicado. Cada altar nos lembra que nossa história é de sofrimento e sacrifício, mas que também é uma história que termina com a ressurreição e a nova vida que recebemos no corpo e sangue do nosso Senhor.

Contar a história da vida verdadeira em Cristo. É assim que a liturgia histórica foi utilizada por inumeráveis cristãos por quase 1.400 anos, ou ainda mais. É assim que a igreja sobreviveu às perseguições, heresias, guerras, fome e pragas. Em casa situação, ela teve um lugar para registrar e para expressar com confiança a história do mundo.

Quando parecia que as coisas não podiam ficar piores, a igreja entrava no refúgio seguro da liturgia, onde através do *Kyrie* e do *Gloria*, do *Sanctus* e do *Agnus Dei*, podia proclamar ao mundo, que estava em caos, a história do amor redentor de Deus.

A melhor maneira de adorar a Deus é aprender da sua Palavra e da forma em que esta Palavra tem motivado seu culto ao longo dos séculos. Somos herdeiros de uma tradição extraordinariamente rica. Cada geração “bebe” das anteriores, e, ao fazer que essa tradição do culto divino seja particularmente sua, incorpora e adapta o que pode ser melhor para o seu tempo: a herança viva e algo novo (NAGEL apud JUST, 2016, Kindle).

LUTERO E A LITURGIA TRADICIONAL

A Reforma foi um momento histórico em que não somente foram geradas novas instituições ou maneiras de pensar. O conceito de reforma é consertar o que não está bem. O culto estava viciado pelos piores acréscimos. Era necessário mostrar o uso do evangelho, que Lutero primeiro desfrutou na sua vida e depois compartilhou como servo de Deus até o final da sua vida. Ele não tinha interesse em terminar com a missa católica, nem descartar a liturgia histórica, “mas apenas purificar novamente a que está em uso”. Aproveitando o momento da confusão e convicto de que o centro do culto é a Palavra de Deus, promoveu lentamente uma reforma do culto, sempre orientada pela Palavra. Introduziu uma missa, na qual eliminou tudo o que tinha caráter de sacrifício meritório. Essa missa, Lutero ainda manteve em latim. Nisso, nota-se que Lutero foi cauteloso, pois o povo ainda não estava preparado para uma missa em língua alemã. Ele entendia que, para introduzir uma missa em alemão, era necessário um trabalho de conscientização. A justificação voltou a ser o cerne do culto cristão. A tradução do culto para a língua alemã é uma atitude pastoral, pedagógica e missionária de Lutero, pois a riqueza do culto agora estava disponível na própria língua e cultura do povo (KARNOPP, 2012, p.23).

No tempo de Lutero, as missas, em grande parte, eram realizadas como obra necessária para a salvação. Muitas eram encomendadas até mesmo para salvar os falecidos. Assim, a Palavra não era considerada fundamental para o culto. Muitas missas não incluíam o sermão. Lutero condena este aspecto. “Receio que a cada dia milhares de Missas são rezadas, das quais talvez nenhuma seja a verdadeira Missa. Ó queridos cristãos, ter muitas missas não significa ter a Missa” (LUTERO apud BUSS, 2011, p.16).

Ele não queria que a missa fosse entendida como algo mecânico que se fazia com o propósito de conseguir méritos por uma obra feita para agradar a Deus e para receber algo dele em troca. Lutero até aconselhou o cancelamento das missas diárias justamente porque elas tinham esse caráter meritório, ou seja, pela participação nas missas diárias, entendia-se que se recebiam méritos. Ele também criticou as missas privadas, porque elas feriam a comunhão.

Lutero insiste em afirmar que a Palavra de Deus e o seu ensino são os elementos principais do culto. Ele chega a dizer que “onde não se prega a Palavra de Deus, é melhor não cantar, nem orar, nem se reunir. No pensamento de Lutero, a Palavra e o sacramento estão no mesmo nível. A Escritura é a Palavra escrita; a pregação é a Palavra proclamada; os sacramentos, a Palavra visível e tangível (KARNOPP, 2012, p.26).

O pastor Davi Karnopp traz algumas observações interessantes e anedóticas relacionadas com Lutero e o batismo. O batismo é o sacramento de admissão ao Reino de Deus. Em 1526, foi publicado *O Manual do Batismo traduzido para o alemão*. Numa edição anterior, de 1523, Lutero tinha mantido o gesto de soprar três vezes nos olhos da criança, o uso do óleo para ungir peito e ombros, a saliva e a terra nas orelhas e no nariz e o sal na boca, que eram simbolismos tradicionais do rito latino. Sabe-se que, até por volta de 1523, a primeira parte do batismo, que tratava do exorcismo, era feita fora da igreja. Só depois os padrinhos levavam a criança para dentro da igreja para a parte final do batismo (KARNOPP, 2012, p.30). Se hoje chegássemos a utilizar parte desse ritual, sem dúvida seríamos alvos de forte impacto e crítica na mídia.

Lutero tem grande convicção da liberdade cristã. Ela está presente também em seu conceito de culto, liturgia e ritos. Lutero incentiva a unidade de culto e ritos com o objetivo de não confundir o povo. Para ele, o amor ao próximo precisa falar mais alto do que a liberdade. “Com muitas ordens diferentes, o povo será confundido e não vai aprender nada”. Percebe-se que a rígida uniformidade nas ordens de culto para todas as congregações não é luterana.

O culto correto – o que Lutero quer dizer quando afirma que devemos seguir o padrão de Cristo e da igreja primitiva – se concentra no que Deus faz para nós e para nossa salvação. O culto é sobre fé, não obras. O culto não diz respeito ao meu bom desempenho ou boa contribuição; ele não está focado em mim. O que deve predominar é o ouvir e crer nas promessas de Deus da graça que perdoa e salva.

Falamos de *Gottesdienst*, o “serviço de Deus”, em alemão. O ponto não é que servimos a Deus na esperança de alcançar algo – entoar hinos, oferecer orações ou passar pela liturgia na esperança de servir e agradar a Deus e ganhar mérito. Na verdade, Deus nos serve. Ele serve ao nos salvar. O que dizemos em louvor é uma resposta ao presente do perdão e

da graça salvadora. O fluir da liturgia deveria enfatizar isso com as várias partes do culto apontando para isso (BUSS, 2011, p.19).

Certa uniformidade litúrgica é saudável para a igreja e sempre será uma boa forma de caracterizar a sua identidade e unidade. A maneira de a igreja conduzir o seu culto a torna conhecida. É necessário que o povo seja instruído nos seus conteúdos para que, de fato, saiba o que está acontecendo dentro do culto. Assim, o culto se tornará mais do que meras palavras (KARNOPP, 2012, p.65).

Equilíbrio e sensatez são o grande desafio litúrgico. Existe uma expressão muito popular que é “Ensinar o padre a rezar missa”. Explicar a liturgia completa a cada domingo é inviável e contraproducente. Explica Karnopp que, ao longo da história, a igreja se acercou de mudanças e inovações, contudo sem precisar jogar fora sua história. De tempos em tempos, em alguma área da igreja, mudanças são necessárias, principalmente quando ela se acerca de elementos estranhos à Palavra de Deus. Inovações são próprias da sociedade. As grandes tradições, por exemplo, tiveram seu início com algum tipo de inovação (KARNOPP, 2012, p.66).

Reformas e inovações na igreja podem nos aproximar da linha de perigo, mas não necessariamente precisam nos colocar no terreno do inimigo. Todas as formas de culto, ritos e cerimônias precisam, acima de tudo, apontar Cristo como Salvador e estar firmadas nas Sagradas Escrituras. Usar formas de culto apenas por usar, sem uma reflexão, leva ao desgaste. Inovar sem reflexão é igualmente pernicioso (KARNOPP, 2012, p.67).

Em muitos casos a Palavra de Deus não se manifesta nem a favor nem contra as mudanças. Nesse caso, a mudança deve ser regida pelo critério do amor. Se as mudanças e inovações litúrgicas estão confundindo mais do que edificando, é preciso equilíbrio e voltar às origens, afirma Karnopp (2012, p.67).

O apóstolo Paulo é a grande referência quando se fala em liturgia tradicional e suas possíveis alterações. “Cristo é para todos e seu Evangelho deve ser pregado para todos, por isso tanto é possível como necessário colocar-se nas diferentes situações e culturas” (KARNOPP, 2012, p.68). Na carta de Paulo aos Coríntios está escrito: “Porque, sendo livre de todos,

fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para com os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da Lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da Lei, embora eu não esteja debaixo da Lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, a fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, para ser também participante dele” (1Co 9.20-24 – NAA).

Precisamos também estar alerta para que não permitamos que nossa forma de pensar ou agir dentro de nossa cultura venha a dirigir nosso crer e cultivar, e, dessa forma, afetá-los negativamente. Não há nenhum problema em tentar se relacionar com a cultura ou com os ouvintes e seu contexto. Mas deixar a cultura ditar as regras? Não. Entretanto, precisamos nos conectar se quisermos comunicar.

Dias atrás, vi em redes sociais algo sobre o apóstolo Paulo relacionado com tradições, com argumentos interessantes que servem para nossa análise da liturgia tradicional.

Paulo condena a idolatria (culto a anjos/aos astros) associado a tradições que faziam a graça de Deus e o culto depender da observância de dias, sábados, luas novas de determinado calendário, reputando como infiéis os que seguissem outra tradição. Ao longo dos séculos, diferentes calendários foram impostos e, assim, sobrepostos um ao outro. Os evangelhos sinóticos parecem testemunhar uma tradição de calendário de festas diferente daquela do quarto evangelho (João). Jesus (Novo Testamento) aboliu a lei e suas ordenanças, derrotou o poder rebelde dos astros (e/ou poderes angélicos, guardiões do tempo e da lei), que perderam seu poder sobre as consciências. Os sinóticos dão testemunho disso quando Jesus é apresentado como “Senhor do sábado” – Senhor da lei (AT), dos astros que marcam o tempo, dos poderes cegos que regem o universo, pois traz perdão dos pecados e liberdade da lei. Quando a tradição cristã celebra a Páscoa, está celebrando a vitória de Cristo sobre todo poder que se opõe à vida, sejam poderes terrenos ou celestiais, imperadores deste mundo ou príncipes celestiais, porque todo joelho, terreno ou cósmico, real ou imaginário, humano ou sobre-humano, angelical

ou diabólico, se dobrará e confessará que Jesus é o Senhor, para a glória de Deus Pai. Nenhum poder nos poderá separar do amor de Deus em Cristo, nem mesmo a antiga lei com seu calendário. O domingo (dia do Senhor) não é um novo sábado, uma regra ou lei sobre as consciências, mas a lembrança de que o repouso da morte (sábado) foi vencido pela vitória da vida (o terceiro dia). O calendário litúrgico cristão é sempre sinal de vida, não de morte, ocasião de celebrar a graça de Deus, o perdão dos pecados, a vida eterna, o Cristo que veio na plenitude do tempo – convertendo o próprio tempo em servo de nossa salvação e não em algoz da condenação. Em Cristo, o tempo é oportunidade de salvação, de serviço da igreja ao mundo mediante o anúncio do evangelho, bem como do exercício do amor e das obras de misericórdia. A liturgia, as festas, estações estão a serviço de Cristo e da igreja, sem poder algum sobre as consciências. Quem segue o calendário litúrgico, para o Senhor o faz. Quem não segue o calendário litúrgico para o Senhor o faz. Que ninguém se faça árbitro sobre a consciência de ninguém, mas que faça da sua observância ou não observância um ato livre de culto a Deus, serviço à edificação da igreja e testemunho ao mundo. Tu, quem és, que julga a teu irmão (tua irmã)? Essa é a pergunta feita a cada um, a pergunta que eu devo fazer a mim mesmo, cuidando para não pecar ao desprezar o que aprovo. É preciso “remir o tempo” – usar o tempo para buscar e anunciar salvação.⁴

Foco significa visão, mirada. Quando uma foto não sai bem, dizemos que está “fora de foco”. Qual é, então, o foco da liturgia tradicional? O foco da missa antes da Reforma estava em tudo que não tinha importância. Lutero diz isso abertamente em 1520: “Quando o Próprio Cristo instituiu pela primeira vez este Sacramento e celebrou a primeira Missa, não havia tonsura, nem casula, nem canto, nem pompa, mas somente ação de graças a Deus e uso do sacramento” (LUTERO apud BUSS, 2011, p.13). Lutero afirma a Ulrich Zwinglio, em Marburg, em 1529, que “[...] quanto mais próximas nossas Missas forem da primeira Missa de Cristo, tanto melhor; sem dúvida, serão; e quanto mais afastadas da Missa de Cristo, mais perigosas são” (LUTERO apud BUSS, 2011, p.16). Lutero não está falando sobre aspectos externos, isto é, a respeito das cerimônias, dos gestos e de

4 Comentários de Luisivan Strelow em redes sociais. Utilizado com permissão.

uma forma particular de conduzir a Missa. Ele (e nós) sabe relativamente pouco sobre as práticas do tempo de Cristo ou da igreja primitiva. A primeira missa de Cristo era proclamação do evangelho e não um ato para merecer o favor de Deus. Não somos nós fazendo, mas Deus dando.

A missa e o sacramento são afinal a ceia do Senhor. Foi a última vontade e o último testamento de Cristo, e o herdeiro não pode trocar a estrutura nem o conteúdo do que foi herdado. Isso seria não apenas ingrato, seria inadequado e um insulto dizer a Deus: “Obrigado, mas eu prefiro fazer as coisas à minha maneira” (BUSS, 2011, p.17). Se a forma de culto promove isso, deixe-a como está. Se não o faz, mude-a. Mas tenha cuidado ao fazer mudanças. Não aja apressadamente. Seja cuidadoso. A missa naquela época não estava oferecendo conforto, mas causando confusão e ansiedade.

Na verdade, em Wittenberg, Lutero não expurgou da liturgia tudo que não fosse encontrado na Bíblia. A Reforma radical era biblicista, mas Lutero examinou como algumas das antigas práticas se enquadravam no todo e que mensagem passavam. Ele sabia que algumas eram relativamente recentes, dos dias medievais, e não tinham mandato das Escrituras, mas poderiam ser aceitas, desde que não estorvassem. Aspectos particulares podiam variar e, de fato, variavam; no entanto, quando as pessoas entravam em uma igreja luterana, reconheciam como sendo uma igreja luterana, não por causa das palavras idênticas em toda a liturgia – o quanto compartilhamos com outros grupos cristãos hoje? – mas por causa da similaridade geral na prática e especialmente porque o evangelho era proclamado (BUSS, 2011, p.24).

Cultos podem ser simples rotinas sem reflexão ou podem ser celebrações bem conscientes, bem pensadas e elaboradas. Depende principalmente do pastor que está a cargo de preparar e dirigir a liturgia. Qual é a importância do culto no contexto das atividades do pastor e da congregação? Quanto tempo pode/deve ser despendido em sua preparação? Liturgia e mensagem? Que outras atividades do pastor competem em importância com o culto? Quando Lutero redescobriu o evangelho da justificação do pecador por causa de Cristo e de sua expiação vicária, essa descoberta se refletiu necessariamente também sobre o culto e a maneira como este é compreendido e celebrado. A Palavra de Deus ocupa lugar central no culto para Lutero (BUSS, 2011, p.7).

RETRABALHANDO A LITURGIA TRADICIONAL

Começamos este artigo com o foco em duas palavras para trabalhar a liturgia tradicional em contexto de sensibilidade pós-colonial: herança e comunicação. Herdamos uma liturgia muito rica e profunda. Para usar essa herança da melhor maneira, ela precisa ser mais conhecida tanto por pastores como pelos membros em geral. Se mais pessoas conhecerem sua origem e ajudarem a melhorá-la na parte comunicativa, o aproveitamento do culto será diferente pelo grau de surpresa e pela curiosidade que provoca a cada culto. Simples repetição da liturgia gera desgaste e pouca compreensão.

De forma prática e como sugestão para pastores e comissões de culto, compartilho alguns princípios que não são novos, mas fundamentais. Estão baseados na publicação do Suplemento Teológico da Revista *Vox Concordiana*, de autoria do professor Vilson Scholz (1985, p.34).

Uma revisão litúrgica deve basear-se em um estudo comparativo de todas as liturgias, antigas e modernas, tanto do oriente como do ocidente. A história do culto não se compõe de um aglomerado de falhas que seria melhor ignorar, antes tem muito a ensinar ao homem do século XX, quer ele aceite ou não. No empenho de corresponder a situações atuais não devemos negligenciar as riquezas de séculos passados.

As formas de culto devem ser inteligíveis e não assumir as formas de ritos esotéricos, empregando uma linguagem arcaica e usando conceitos ultrapassados.

As formas elaboradas devem ser flexíveis, isto é, devem ter elementos fixos e livres. Aqui há vantagens e perigos. Formas fixas podem transformar-se em vãs repetições que se desgastam pelo uso. Formas livres podem depender demais do gosto individual e da capacidade do líder. Formas fixas podem oferecer equilíbrio, largueza e riqueza ao culto. Oração livre pode ser espontânea, relevante e congregacional. Pode haver tirania em ambas as modalidades, por isso um uso ponderado pode ajudar a reavivar o culto. É preciso ter em mente que hinários e agendas não devem ser feitos para muitas gerações. O culto de hoje deve ser planejado para ser ao mesmo tempo o culto de amanhã. A música da Igreja não deve ignorar o passado nem o presente.

Deve ser dada atenção à necessidade de uma multiplicidade de modelos. Uma sociedade pluralista requer muitas formas. Não

pode haver uma Roma a impor determinada forma. Lutero deve servir de exemplo enquanto estava desinteressado em uma forma precisa de culto.

A revisão litúrgica deve processar-se num contexto missiológico, isto é, o caráter do culto precisa redescobrir a igreja como enviada ao mundo. No passado o culto era entendido apenas para os domésticos. Formas tradicionais podem ser preenchidas com conteúdo novo e revestidas de novos valores e novas roupagens: salmos em nova versão, orações em linguagem do dia-a-dia, música nova, sermão dialogado, uso de música gravada e de projeções.

Deve ser objeto de séria reflexão se a crise do culto não é antes quanto ao valor, sentido e significado do culto do que quanto à forma. Formas novas de culto devem ser trabalho de equipe na Igreja, sendo de importância haver continuidade e qualidade. Deve haver elementos básicos e espontâneos, o que exige um processo responsável de aprendizagem. Num culto diferente pode haver elementos como: informação, opinião pró e contra, discussão em grupo ou de mesa, diálogo livre, discussão aberta, debate, momentos de conversação livre, etc.

Na estrutura da liturgia tradicional existem muitos aspectos que podem ser mais explorados no sentido de valorizar a herança recebida e melhorar a comunicação, evitando assim simples repetições.

A liturgia usada na Igreja Luterana dos nossos dias provém dos cristãos do passado. O mesmo se dá com os acompanhamentos da liturgia, auxiliares físicos e cerimoniais para a adoração – edifício, utensílios, paramentos, vestimentas. Outra construção litúrgica é o calendário eclesiástico, resgatando festas celebradas no Antigo Testamento e por Jesus. Devido à variação de temas, o calendário provê variedade para os cultos, mudança de cores nos paramentos, músicas em estilos diferentes, sermões distintos. Parte festiva (Ação de Deus) e parte não festiva (resposta do povo). Linda e rica herança que devemos administrar segundo os princípios bíblicos, com ordem e decência (ZIMMER, 1988, p.47). Uma sugestão que pode ser trabalhada é o regate de tradições com o tempo de advento, celebração das 12 noites santas (do dia do Natal até a Epifania), 1º de janeiro com a festa da circuncisão e do nome de Jesus, Epifania como Natal dos gentios, época de epifania (5 a 6 semanas) e transfiguração de Jesus. Quaresma e as comemorações da paixão e morte de Jesus e sua posterior ressurreição

com cerimônias lembrando a entrada triunfal em Jerusalém, a Ceia Pascal Cristã, desguarnecimento do altar, o *Tenebre*, Vigília Pascal e as próprias festividades de Ascensão e Pentecostes.

Ao organizar e dirigir o culto com a liturgia tradicional, explicar suas principais finalidades:

- a. Ordem – a organização do culto que tem um começo, meio e fim. Que ajuda na organização do nosso tempo com Deus e que mostra nossa identidade confessional.
- b. Ritual – as palavras que são faladas ou cantadas. Através do ritual nós expressamos a nossa fé.
- c. Cerimônia – atos ou gestos. Alguns deles são indispensáveis. Todos, porém são significativos.

É importante também explicar que todo o conteúdo do culto pode dividir-se em 2 ou 3 partes:

– Sacramental – Deus vem a nós. Ele nos ensina através da sua Palavra (leitura, exposição, absolvição, bênção e sacramentos).

– Sacrificial – como resposta ao amor e ação de Deus, nos achegamos a ele através de orações, hinos e ofertas.

– Basilicana – quando o pastor está posicionado atrás do altar, voltado ao mesmo tempo para o altar e para a congregação. Desta forma, oficiante e congregação dirigem sua atenção para o altar, símbolo da presença de Deus.

Com relação ao culto, segundo a liturgia tradicional, podem ser trabalhados e explicados aspectos relacionados aos três momentos do culto.

a. Preparação

Já começa em casa com a motivação para ir ao culto, a preparação espiritual com leitura e devoção (o pastor pode comunicar antes as leituras indicadas para este domingo, com detalhes sobre o motivo de cada leitura nesta data específica).

– Hino de invocação: vários hinos terminam com a menção da Trindade.

– Invocação: além do formato tradicional, “Em nome do Pai...”, também se podem incluir frases em forma de oração para cada pessoa da Trindade.

– Preparação: lembrar que antigamente o culto começava somente com o introito e que essa preparação se fazia na própria casa.

– Exortação ou alocução confessional: a repetição do mesmo formato nos dá segurança, mas também pode dificultar a comunicação e a concentração no culto. Um minissermão ou alocução é uma boa opção de gerar o efeito surpresa e a curiosidade, talvez buscando um tema que foi notícia na semana, relacionado ao arrependimento e perdão.

– Confissão geral: chamar a atenção para alguma das tantas frases de conteúdo que normalmente não nos damos conta ou deixamos de valorizar. Trocar por um hino, um momento de silêncio, uma leitura bíblica.

– Absolvição: ressaltar o perdão recebido de Deus e como este é importante para a vida cotidiana.

b. Ofício da Palavra

– Introito: Antífona, Salmo, *Gloria Patri*, Antífona. É importante explicar a origem destas quatro partes, assim como a importância de repetir a Antífona. O contexto histórico do salmo ou a sua própria estrutura ajuda na transmissão do conteúdo. *Gloria Patri* pode ser utilizado em várias versões cantadas ou incluso lidas.

– *Kyrie*: Oração trinitária pedindo piedade e misericórdia. Também outras versões podem ser ensaiadas e utilizadas. Motivos pelo qual necessitamos pedir piedade a Deus podem ser acrescentados no sentido de valorizar este momento.

– *Gloria in Excelsis*: é um dos primeiros cânticos da igreja antiga. Sua redação, já no século 4º, tinha a forma que hoje conhecemos. Ressaltar sua estrutura, base bíblica, mudança entre tons maiores e menores facilita sua absorção na mente dos fiéis. Outra leitura bíblica no seu lugar ou mesmo um hino diminui a repetição, em que cada culto parece ser igual ao anterior.

– Saudação: pastor e congregação se saúdam mutuamente. Além da fórmula, pode ser um bom momento para gerar saudações entre todos. Modificar a estrutura “E com o teu espírito” por outra expressão como “E contigo também”, é uma forma de comunicar melhor.

– Palavra: oração do dia (coleta de pedidos da congregação, refletindo a ênfase do dia, relevância da temática para a vida), leituras do AT, epístola, gradual (comentar o “crescendo” das leituras bíblicas e até mesmo usar os degraus, conectando a epístola com o evangelho), aleluia tríplice, anúncio do evangelho, leitura do evangelho, resposta da congregação, hino do

sermão, confissão da fé através dos três Credos ou, inclusive, da explicação de Lutero no Catecismo Menor, sermão e voto).

– Ofertório (cântico “Cria em mim” ou outro hino, recolhimento das ofertas, oração geral, que também poderá incorporar momentos de silêncio, oração compartilhada entre membros da congregação devidamente preparados, oração responsiva, leitura de um hino relacionado).

c. Celebração da santa ceia

É o momento forte da parte sacramental. Deus oferece seu Filho para perdão, vida e salvação.

– Prefácio: saudação e convite: explicar de onde saem os textos utilizados tradicionalmente, utilizar um hino relacionado.

– Hino *Sanctus*: explicar alguns termos como “Hosana” e ressaltar como louvor à Santíssima Trindade, explicando sua origem ou trocando por um hino de similar conteúdo.

– Comunhão: Ressaltar o “Fazei isso em memória de mim”.

– Oração do Senhor (Pai-Nosso) – resgatar a estrutura da oração modelo, explicando as várias petições e nossas necessidades. Pode ser cantada ou falada, entre todos ou somente pelo pastor, de forma pausada, para que todos prestem atenção.

– Palavras da instituição (consagração). Mostrar onde estão registradas. Mesmo sem ser uma oração, parte da Oração Eucarística tem uma forte tradição e um excelente conteúdo.

– *Pax Domini* (A paz do Senhor). Ressaltar os vários momentos em que Jesus deseja a paz às pessoas, assim como aprofundar o conceito de *Shalom*.

– *Agnus Dei* (Cordeiro de Deus – João 1.29). Recordar porque repetimos três vezes ou utilizar outro hino relacionado.

– Distribuição: diferentes modalidades podem ser utilizadas, dependendo da quantidade de membros participando. Cantar ou escutar hinos pode ser um bom momento de meditação e crescimento na fé.

– Pós-comunhão: valorizar momentos de oração em que se agradece pelo perdão recebido e o fortalecimento na fé.

– *Nunc Dimittis* ou Cântico de Simeão: cantado ou falado, explicado seu contexto e importância, como estamos ao sair do culto.

– Versículos de envio e oração de ação de graças: valorizar e explicar que é a partir desse momento que o culto pessoal e a atividade de

evangelização a outros está começando. Que ferramentas são necessárias para poder dar testemunho a outras pessoas? Histórias ou testemunhos organizados previamente podem ser incorporados, sempre cuidando o tempo total da celebração.

– Bênção: arcaônica ou trinitária (como nas epístolas) e sua explicação aos membros.

Sugestão: tanto a recepção quanto o acolhimento ao final do culto não fazem parte da liturgia tradicional, mas lembramos o que está registrado em Atos 2: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, o Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos (At 2.42,46,47 – NAA).

CONSIDERAÇÕES

No culto, o show é de Deus. A nós cabe valorizar a herança recebida através da liturgia tradicional, conhecê-la para dar-lhe o seu devido valor e aplicação no culto, facilitar a comunicação entre todos adaptando o seu vocabulário para o público-alvo e evitando as rotinas mecânicas que dificultam a concentração, a curiosidade e a surpresa. Não é o culto, por melhor que seja, que irá “acrescentando os que vão sendo salvos”, mas é Deus. O que está em nossas mãos é um cuidado sistemático e exaustivo em trabalhar mais e melhor a liturgia tradicional, tornando o culto ágil e comunicativo. Repetições podem e devem ser utilizadas, mas sempre com um “tempero” diferente, como fazemos em nossas refeições.

É importante lembrar as palavras de Jesus registradas no evangelho de Mateus. “Vocês invalidam a palavra de Deus, por causa da tradição de vocês. Hipócritas! Bem profetizou Isaías a respeito de vocês, dizendo: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos humanos’” (Mt 15.8-9 – NAA). Por outro lado, também num contexto cúlctico, o Senhor Deus diz ao seu povo: “O Senhor diz: Venham, pois, e vamos discutir a questão. Ainda que os pecados de vocês sejam como

o escarlate, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, eles se tornarão como a lã” (Is 1.18 – NAA). SOLI DEO GLORIA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLMEN, J.J. Von. *O culto cristão – teologia e prática*. São Paulo: ASTE, 1968.
- BUSS, Paulo Wille (Org.). Lutero e o culto cristão. In: *3º Simpósio Internacional de Lutero*. Porto Alegre: Concórdia, 2011.
- IGREJA Evangélica Luterana do Brasil. *Culto Luterano – Liturgias*. Comissão de Culto da IELB (Org.). Porto Alegre: Concórdia, 2010.
- GONZALEZ, Justo L. *Culto, cultura y cultivo*. Lima, Perú: Puma, 2008.
- KARNOPP, David. *Culto Divino*. Porto Alegre: Concórdia, 2012.
- JUST, Arthur. *El cielo en la tierra: Los dones que Cristo da en el servicio divino/Heaven on Earth: The Gifts of Christ in the Divine Service* (Spanish Edition). Concordia Publishing House. Edición de Kindle.
- SCHOLZ, Vilson. A renovação do culto. *Vox Concordiana – Suplemento Teológico*, v.1, p.34,35. São Paulo. Faculdade Superior de Teologia do Instituto Concórdia de São Paulo, 1985.
- SCHMIDT, Arnaldo. Rubricas do Culto Luterano. *Vox Concordiana – Suplemento Teológico*, v.1, p.13-17. São Paulo. Faculdade Superior de Teologia do Instituto Concórdia de São Paulo, 1985.
- WARREN, Rick. *La vida conducida por propósitos*. Michigan: Zondervan, 2002.
- WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- ZIMMER, R. Allan; Schroeder, George W.; ZEMKE, Herman J. *O culto cristão*. Porto Alegre: Concórdia, 1988.